

Unidos pela compulsão

Grupo de pesquisadores brasileiros investiga a relação da obesidade com o alcoolismo para entender melhor por que algumas pessoas comem em excesso e de maneira descontrolada. Um hormônio chamado leptina parece ter ligação com os dois problemas

» LUCIANE EVANS

Belo Horizonte — “Comia o que aparecia na minha frente. Pizza, lasanha, doces. Chegava a passar mal de tanto comer, mas, assim que melhorava, comia de novo”, confessa a jovem Ludmila Rodrigues de Aguiar, 29 anos. Tendo alcançado os 179kg, Ludmila, que já passou por uma cirurgia de redução de estômago e hoje pesa 150kg, diz não saber o que a levou a perder o controle sobre a comida. Porém, a ciência já começa a traçar uma resposta para essa questão. Comparando a obesidade ao alcoolismo, o que tem sido feito por muitos cientistas no mundo, pesquisadores de várias universidades brasileiras, em um trabalho conjunto, apontam que as duas doenças têm algo em comum: a compulsão. A conclusão serve, segundo os responsáveis, como uma reflexão para auxiliar no tratamento de obesos.

Pesquisadores das universidades federais do Paraná (UFPR), de São Paulo (Unifesp) e de Minas Gerais (UFMG) estão debruçados há pelo menos dois anos nesse trabalho, que tem como objetivo entender a perda de controle que uma pessoa tem diante da comida e um alcoolista, diante das bebidas etílicas. “Fizemos, nesse primeiro momento, vários modelos em camundongos com uma ingestão forçada de alimentos e com doses diárias de etanol. Vimos que tanto os que comeram quanto os que receberam etanol tinham genes comuns envolvidos no comportamento compulsivo, e esse foi o grande elo entre as doenças”, comenta a coordenadora do projeto, Ana Lúcia Brunialti Godard, bióloga e professora de genética humana da UFMG.

Segundo ela explica, esses genes estão relacionados à produção da leptina, um hormônio presente também em todas as pessoas e ligado à sensação de saciedade. “Percebemos, contudo, que, no caso da obesidade e do alcoolismo, ela está envolvida na compulsão. Mas não é só ela: há um conjunto de genes. Sabemos que, em uma pessoa normal, a leptina traz a sensação de satisfação depois que o indivíduo ingere uma quantidade de alimentos. Mas, naquela pessoa que não tem o controle sobre a comida, esse hormônio pode estar atuando no cérebro para que esse obeso nunca deixe de sentir fome”, comenta Godard, dizendo que o próximo passo da pesquisa é justamente saber quando e como esse hormônio atua. “Um paciente que sofre com transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), por exemplo, também age com compulsão”, compara.

Para conhecer o comportamento da leptina, os pesquisadores convocam obesos voluntários que queiram participar da pesquisa. “Ao chegar a esse ponto, vamos buscar uma molécula que seja capaz de bloquear a leptina ou os outros genes que favorecem a compulsão”, diz a pesquisadora, lembrando que a condição de obesidade leva ao estado de desequilíbrio energético pelo consumo excessivo de alimentos. “Esse desequilíbrio pode causar mudanças no sistema nervoso central, nosso cérebro, que é responsável pelas sensações. No caso da obesidade, as alterações cerebrais estão ligadas ao mecanismo de recompensa e resultam na ingestão compulsiva semelhante ao fenótipo visto no consumo de drogas. Os circuitos de recompensa cerebrais envolvidos nos mecanismos de compulsão alimentar são os mesmos que perpetuam o vício do álcool.”

Ricardo Machado Hagler, 50 anos, já teve os dois vícios e chegou a pesar 185kg. Ele conta que há cinco anos se tornou obeso. “Fui motorista de ônibus e, como não tinha muito horário, comia depressa e sem qualidade. Nesse período, também fui alcoolista, e acho que a compulsão pelo álcool era maior que a pelo alimento. Não sei mensurar esses dois.” Ricardo diz que a relação que ele faz da obesidade com o álcool é que a bebida o fez ganhar ainda mais peso. “É complexo demais. Estou há um ano sem beber e peso, atualmente, 159kg. Mas tenho

feito natação, caminhadas e hidroginástica, além de ter um acompanhamento psicológico e um nutricional.”

Vários eixos

Na opinião do endocrinologista e membro da comissão científica da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (Sbem) Paulo Augusto Carvalho Miranda, a falta de controle dos obesos é um assunto complexo, como pontuou Ricardo. “Observamos que os pacientes com grau 3 têm, na maioria das vezes, dificuldades em

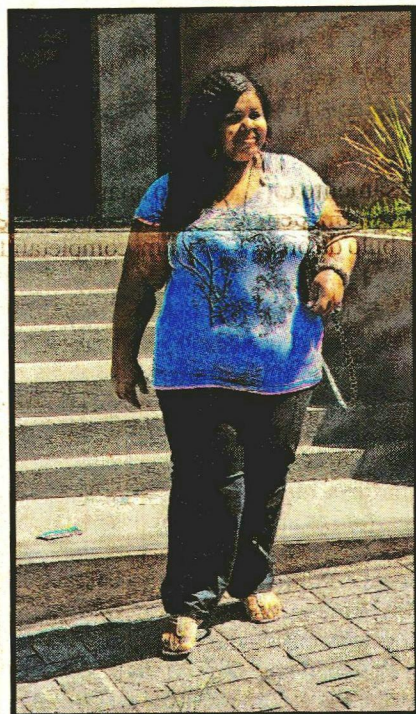
quantificar as calorias ingeridas ou mesmo organizar o dia a dia alimentar. Existem outras coisas muito além do processo alimentar, como as questões genéticas, ambientais e da infância”, comenta o médico, dizendo que a queima e o consumo de calorias é um dos sistemas mais complexos do nosso organismo.

“Essa complexidade envolve órgãos variados e eixos hormonais. Temos dezenas de hormônios que agem no aumento do apetite e outros que atuam no aumento da saciedade e têm o controle imediato sobre ela.

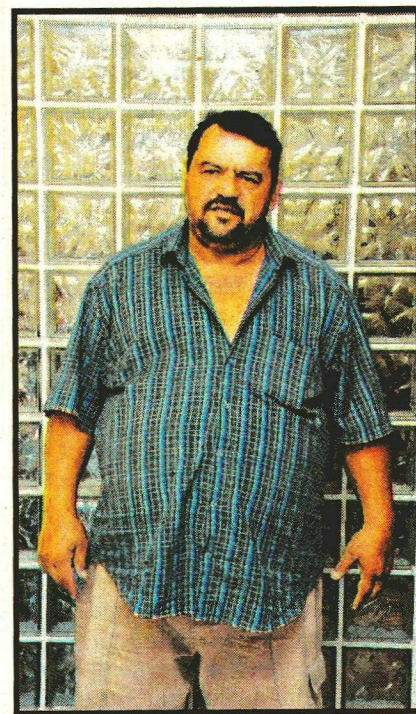
Acredito que a leptina faz os dois. Ela é produzida pelo tecido adiposo e está diretamente ligada à quantidade de tecido gorduroso que temos no corpo”, explica.

Assim que descoberta, segundo lembra o especialista, a leptina já foi uma aposta no tratamento da obesidade. “Mas a grande frustração é que ela não teve o potencial para o tratamento. Ela é apenas um dos eixos que agem no mecanismo da preservação do peso.” É por isso que os pesquisadores da UFMG querem descobrir os outros hormônios que estão agindo nessa compulsão.

Fotos: Euler Junior/EM/D.A Press



Quando atingiu os 179kg, Ludmila Aguiar recorreu à cirurgia de redução de estômago. Desde então, emagreceu 29kg



Ricardo já bebeu álcool e ingeriu alimentos em excesso. Hoje, recebe acompanhamento psicológico